

Uma oportunidade para refletir modelos

A rotina da professora Ariane no pequeno município catarinense de São Miguel do Oeste era gratificante. Com turmas de até 14 alunos em escolas do campo e de EJA, a professora de Matemática conseguia atender individualmente cada estudante. Porém, a chegada da pandemia de coronavírus ao Brasil alterou drasticamente o dia a dia da educadora.

O primeiro impacto foi nas horas de sono, cada vez mais reduzidas. Tendo que se dividir entre os dois filhos, os cuidados com a casa e o planejamento das aulas, restou pouco tempo para dormir. *“Acordo e durmo pensando nas coisas inacabadas que tenho para fazer”*, relata. Para atender às demandas, Ariane passou a programar as aulas com uma semana de antecedência, gerando o sentimento crescente de ansiedade. *“Estou sempre vivendo uma semana para frente para ver se dou conta de tudo que tem que ser feito”*, explica.

Outra questão importante é a convivência familiar. Como os dias não têm mais divisão entre horas de trabalho, lazer e descanso, a qualidade do tempo dedicado à família mudou. Para Ariane, não há sensibilidade das secretarias em relação ao papel do professor também como pais, que precisam dedicar parte de suas horas para o lado pessoal e familiar.

Com graduação em Matemática com ênfase em Computação e pós-graduação em Mídias na Educação, a educadora sentiu-se preparada para lidar com os desafios tecnológicos impelidos pelo momento. Contudo, acredita que este não seja o padrão entre seus colegas. Apesar das dificuldades, os professores têm conversado para trocar experiências e propor trabalhos interdisciplinares, visando atrair a atenção dos alunos e melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Ariane destaca o uso do WhatsApp como a ferramenta mais eficaz para garantir proximidade junto aos alunos. Apesar de à primeira vista parecerem nativos digitais, eles precisam de apoio e orientação a respeito do uso de novas plataformas e sobre as atividades. Ao longo do dia, troca mensagens de texto e áudio com os estudantes. A relação com as famílias permanece a mesma. *“Por dar aula para o Ensino Fundamental II, cujos pais interagem menos com a escola, sinto que as famílias que eram presentes assim permaneceram”*, conta.

Para Ariane, a situação excepcional leva a refletir sobre como a educação precisa ser planejada considerando as especificidades de cada localidade e sobre o que é importante ser transmitido para os alunos neste momento. Em seu caso, que atua na EJA e em escolas do campo, a professora reforça que existem necessidades diferentes da escola regular. *“Gostaria que fosse uma escola do campo e para o campo, não somente localizada no campo”*, detalha a educadora.

A professora também acredita em uma educação mais humanizada, que tenha o estudante como protagonista da sala de aula e o professor como facilitador do processo de ensino-aprendizagem. *“Agora seria o momento de experienciar modelos mais prazerosos para os alunos”*, argumenta.